

resultante do trabalho».²² Não foi por outro motivo senão esta atitude do *homo faber* em relação ao mundo que os gregos, em seu período clássico, diziam que todo o campo das artes e ofícios, nos quais os homens trabalhavam com instrumentos e faziam algo não pela satisfação de fazê-lo, mas para produzir outra coisa, era *banausikos*, palavra talvez melhor traduzida como «filisteu», conotando a vulgaridade de pensar e agir em termos de utilitarismo. A veemência de tal desdém é tão mais surpreendente quanto vemos que nem mesmo os grandes mestres da escultura e da arquitetura gregas escapavam a este veredicto.

O que está em jogo não é, naturalmente, o conceito de instrumento em si, o emprego de meios para atingir um fim, mas antes a generalização da experiência da fabricação, na qual a utilidade e a serventia são estabelecidas como critérios últimos para a vida e para o mundo dos homens. Esta generalização é inerente à atividade do *homo faber* porque a experiência de meios e fins, tal como existe na fabricação, não desaparece com o produto acabado: prolonga-se até o destino final deste último, que é o de servir como objeto de uso. A «instrumentalização» de todo o mundo e de toda a terra, esta ilimitada desvalorização de tudo o que é dado, este processo de crescente ausência de significado no qual todo fim se torna um meio e que só pode terminar quando se faz do próprio homem o amo e senhor de todas as coisas, não decorre diretamente do processo de fabricação; pois, do ponto de vista da fabricação, o produto acabado é um fim em si mesmo, uma entidade independente e durável, dotada de existência própria, tal como o homem é um fim em si mesmo na filosofia política de Kant. Somente na medida em que a fabricação se concentra em produzir objetos de uso é que o produto acabado novamente se torna um meio; e somente na medida em que o processo vital se apodera das coisas e as utiliza para seus fins é que a «instrumentalidade» da fabricação, limitada e produtiva, se transforma na «instrumentalização» ilimitada de tudo o que existe.

Parece-nos óbvio que os gregos temiam esta desvalorização do mundo e seu inseparável antropocentrismo — a opinião «absurda» de que o homem é o mais alto de todos os seres vivos e de que tudo o mais está sujeito às exigências da vida humana (Aristóteles)

22. «Der Wasserfall, wie die Erde überhaupt, wie alle Naturkraft hat keinen Wert, weil er keine in ihm vergegenständlichte Arbeit darstellt» (*Das Kapital*, III (*Marx-Engels Gesamtausgabe*, Abt. II, Zúrique, 1933), 698).

— da mesma forma como viam com desprezo a pura vulgaridade de todo utilitarismo sistemático. O famoso argumento de Platão contra o dito de Protágoras, aparentemente axiomático, de que «o homem é a medida de todas as coisas de uso (*chremata*), da existência das que existem e da inexistência das que não existem»,²³ talvez seja o melhor exemplo de que já se anteviam as conseqüências de considerar-se o *homo faber* como a mais alta possibilidade humana. (Evidentemente, Protágoras não disse que «o homem é a medida de todas as coisas», como nos fazem crer a tradição e as traduções consagradas.) O que importa é que Platão percebeu desde logo que, quando se faz do homem a medida de todas as coisas de uso, está-se correlacionando o mundo com o homem-usuário e fazedor de instrumentos, e não com o homem-orador, pensador ou o homem de ação. E como é da natureza do homem-usuário e fabricante de instrumentos ver em tudo um meio para um fim — ver em cada árvore determinado potencial de madeira —, isto fatalmente significaria fazer do homem não só a medida de todas as coisas cuja existência dele depende, mas de literalmente tudo o que existe.

Na interpretação platônica, Protágoras se afigura, realmente, como o primeiro precursor de Kant; pois, se o homem é a medida de todas as coisas, então só o homem escapa à relação de meios e fins; só ele é um fim em si mesmo, capaz de usar tudo o mais como meios. Platão sabia perfeitamente que as possibilidades de produzir objetos de uso e de tratar todas as coisas da natureza como objetos de uso são tão ilimitadas quanto as necessidades e os talentos do ser humano. Se os critérios do *homo faber* passarem a governar o mundo depois de construído, como devem necessariamente presidir o nascimento desse mundo, então o *homo faber*, mais cedo ou mais tarde, servir-se-á de tudo e considerará tudo o que existe como simples meios à sua disposição. Julgará tudo como se todas as coisas pertencessem à categoria de *chremata* ou objetos de uso, de

23. *Theaetetus* 152 e *Cratylus* 385E. Nestes casos, como em outras citações antigas do dito famoso, Protágoras é sempre citado nos seguintes termos: *panton chrematon metron estin anthropos* (veja-se Diels, *Fragmente der Vorsokratiker* (4a. ed.; 1922), frag. B1). A palavra *chremata* não significa, de forma alguma, «todas as coisas», mas somente aquelas coisas que os homens usam, necessitam ou possuem. O suposto dito de Protágoras — «o homem é a medida de todas as coisas» — seria, em grego, *antropos metron panton*, parafraseando, por exemplo, a frase de Heráclito: *polemos pater panton* («o conflito é o pai de todas as coisas»).